

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

T
370 126
P436 Q.

AMIGOS QUE SE EDUCAM

IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO NA FESTA MUNDIAL DO FOLCLORE

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GLAUBE DA SILVA PEREIRA

Professora Orientadora: Dra. Marta Luz Sisson de Castro

PUCRS/BCE



0.528.726-0

Porto Alegre, agosto de 2001

**PRESERVE SUA FONTE
DE CONHECIMENTO**

DEDICATÓRIA

Caçapava do Sul foi uma cidade construída em torno de necessidades bélicas de proteção e ataque. Mas a história mostrou que seu povo tinha uma forte vocação para a acolhida. As paredes de seu forte – que na verdade nunca chegou a ser utilizado - já demonstra que sua serventia é maior para a confraternização do que para a batalha. Além de muito grato, ficaria extremamente feliz em saber que a população da Clareira da Mata recebe os frutos de nossa pesquisa como um trabalho dedicado ao seu empenho em estabelecer novas relações, com todos os riscos inerentes à convivência.

Cidade de altas muralhas e de tradição revolucionária, CAÇAPAVA DO SUL retirou do passado a melhor das perspectivas: de tanto prevenir-se contra as hordas vindas da fronteira, abriu-se à invasão da amizade e do folclore.

Da mesma maneira com que dedico este trabalho a cidade que me acolheu, registro também a importante missão mantida pela Universidade da Região da Campanha que, em convênio, viabilizou a realização desse mestrado e possibilitou o nascimento desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Cada trabalho que fazemos é um empréstimo que alcançamos do mundo das idéias e das relações. O contato com muitos personagens desse ambiente de interações resultaram numa dissertação que, comigo, deve gratidão a um rol tão grande de participantes que já imagino singelas as minhas palavras. Agradecendo à minha esposa, penso contemplar toda a família que, apesar de muito próxima, tem notado a nossa ausência. Daniela Reischak Pereira tem demonstrado o quanto é possível e gratificante misturar sentimentos tão fortes quanto amor, compromisso e angústia.

Agradeço aos meus alunos-amigos que me iniciaram no convívio frutífero da Educação na Urcamp de Caçapava. Aqui faço menção especial a Vânia Oliveira Luz, Cristiane Aires de Oliveira, Maureli Lopes de Melo, Maria Elaine Dorneles dos Santos e Joel Lopes que tiveram participação direta na captação das informações.

Se tive alunos, sempre tive mestres e como aprendiz, agradeço a paciência e contribuições sempre valiosas de minha orientadora, professora Dra Marta Luz Sisson de Castro.

Tais palavras faço ressoar na direção dos amigos do Jornal MINUANO de Bagé, representados na serena competência do diagramador Alberto Silveira, e aos integrantes do Curso de Comunicação Social da Urcamp.

A dimensão possível do aprendizado só se mostra pela percepção das mudanças que ocorrem à volta dos que aprendem. Os educandos mais felizes e interessados numa ação proveniente de um conhecimento consciente. Os professores encantados com as descobertas cada vez mais novas. Os colegas envolvidos num clima de curiosidade e de estímulo.

Só esse ambiente pode descrever o teor do que acontece com o grupo de mestrandos em Educação da Urcamp, dentre os quais me incluo. Ter a oportunidade de completar esse passo importante na vida acadêmica tem sido uma experiência gratificante, num ambiente de poucas alternativas. A Universidade da Região da Campanha está de parabéns pelo convênio com a PUCRS, iniciativa que fez nascer não apenas novos professores dentro de bons profissionais, mas lançou fertilidade ímpar sobre uma pedagogia diariamente mais exigida frente aos paradoxos da pós-modernidade.

*V*ou voltar na primavera
Que era tudo o que eu queria
Levo terra nova daqui.

*Q*uero ver os passaredos
Pelos portos de Lisboa
Voa, voa que eu chego já.

*M*as se alguém segura o leme
Desta nave incandescente
Que incendeia a minha vida,
Que era viajante lenta
Tão faminta de alegria,
Hoje é porto de partida.

*A*vira, virou, meu coração navegador.
A gira, girou esta galera.

(Kleiton Ramil)

Canção transformada em hino à amizade na Festa Mundial do Folclore

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	ix
RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xii
1 A VISÃO DE UM FORASTEIRO.....	1
2 INICIANDO A VIAGEM.....	4
2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA.....	4
3 O MAPA EPISTEMOLÓGICO.....	7
4 NAVEGAR É PRECISO.....	14
4.1 IDENTIFICANDO OS RUMOS POSSÍVEIS.....	15
5 FOLCLORE: O EU, O TEMPO E O ESPAÇO.....	17
5.1 UM PORTO LOCAL: SOLIDARIEDADE MUNDIAL.....	18
6 METODOLOGIA.....	21
6.1 PROCEDIMENTOS.....	25
6.2 ÁREA TEMÁTICA.....	27
6.3 QUESTÕES NORTEADORAS.....	28

6.4	CAMPO DE AÇÃO	28
6.5	LOCAL DE REALIZAÇÃO	29
6.6	PARTICIPANTES DO ESTUDO	29
6.7	COLETA DE INFORMAÇÕES.....	30
6.8	INSTRUMENTOS	31
6.9	ANÁLISE DOS DADOS	32
7	DA ALDEIA PARA O MUNDO	37
7.1	O TRADICIONALISMO	38
7.2	O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	39
7.3	O NATIVISMO	41
7.4	O CHIMANGO BATE ASAS.....	43
7.5	HISTÓRICO DO INTERCÂMBIO.....	47
7.6	ESTRUTURA DA FESTA MUNDIAL DO FOLCLORE	54
	PROGRAMAÇÃO DA FESTA MUNDIAL DO FOLCLORE DE 2000.....	58
8	ENTRANDO NA ALDEIA	63
9	A FESTA DA AMIZADE E DA CONVIVÊNCIA.....	65
9.1	A PERCEPÇÃO COMO INTERCÂMBIO CULTURAL	67
9.1.1	Integração entre países.....	73
9.2	HOSPEDAGEM FAMILIAR E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: O ESPAÇO DA CASA.....	77
9.2.1	Solidariedade na diversidade: tornar-se mais humano.....	82
9.2.2	Convivência e enriquecimento cultural	86
9.3	AMIZADE: O ELO ENTRE TODAS AS RELAÇÕES	91
9.4	FESTA MUNDIAL COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA.....	99
9.4.1	História da crise	101
9.4.2	Festa Mundial como fonte turística.....	104
9.4.3	As festas	107
9.4.3.1	<i>Festa do Divino Espírito Santo.....</i>	<i>109</i>
9.4.3.2	<i>A FarrapoFesta</i>	<i>111</i>

9.4.3.3 <i>Anahy de Las Misiones: o filme</i>	114
9.4.3.4 <i>A Festa das etnias</i>	116
9.4.4 Necessidade de ação	117
9.5 FESTA GLOBAL FORTALECE IDENTIDADE LOCAL	119
9.5.1 A consciência de si e mudança	124
9.6 A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E A ESCOLA	129
9.6.1 Visita às escolas	134
9.6.2 Recursos e espaços da festa	139
9.6.3 Como desacomodar a escola?	143
CONCLUSÕES	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
OBRAS CONSULTADAS	158

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Grupo apresenta coreografia com Antônio Chimango (centro).....	44
Figura 2 - Chimangos gravam participação no programa Galpão Crioulo.....	45
Figura 3 - Grupo comemora aniversário do Galpão Crioulo no Gigantinho.....	46
Figura 4 - Integrando proposta universalista no Musicanto de Santa Rosa.....	47
Figura 5 - Estrutura do espetáculo do Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos”	48
Figura 6 - Grupo gravou inúmeros videoclipes para os especiais de TV Sul em Canto.....	49
Figura 7 – Brasileiros representados na Disneyworld	51
Figura 8 - Grupo chinês apresenta suas danças na 3ª Festa Mundial do Folclore	53
Figura 9 - Dança gaúcha é a base do espetáculo dos Chimangos.....	58
Figura 10 - Visitantes estrangeiros acompanham a marcação de um animal	59
Figura 11 - Belgas fazem malabarismo com as bandeiras no desfile	60
Figura 12 - Mexicanos visitam escolas do município	61
Figura 13 - Integração das delegações no Forte Dom Pedro II	66
Figura 14 - Folclore gaúcho em Utah, nos Estados Unidos.....	69
Figura 15 - Público da Festa Mundial do Folclore chega a três mil por noite.....	71
Figura 16 - Franceses cantam em português o “vira-virou”, canção característica da festa	72
Figura 17 - Rainha do Carnaval municipal e o visitante austríaco em divertida confraternização.....	75
Figura 18 - Hóspede sueca com sua “família” brasileira.....	80

Figura 19 - Amigos trocam danças folclóricas	93
Figura 20 - Mexicanos mostram vigorosa dança folclórica na 5ª Festa Mundial.....	100
Figura 21 - Belgas e a tradição da dança das bandeiras medievais	106
Figura 22 - Os Chimangos apresentam folclore gaúcho.....	107
Figura 23 - Chimangos incentiva Festa do Divino na interior.....	109
Figura 24 - Residências preparam festa para a chegada das bandeiras	110
Figura 25 - A imperatriz, o imperador e o pagem acompanham procissão	111
Figura 26 - Comunidade veste trajes de época para encenar Revolução Farroupilha.....	113
Figura 27 - Cena noturna expressa vida campeira.....	114
Figura 28 - Dira Paes e Araci Esteves no desfiladeiro das Guaritas.....	115
Figura 29 - Descendentes desfilam no CTG com trajes peculiares de cada etnia	116
Figura 30 - Dança dos avestruzes tem coreografia e pesquisa realizada pelos Chimangos	119
Figura 31 - Mexicanos visitam Escola Estadual Cônego Ortiz	122
Figura 32 - Belgas homenageiam confraternização com símbolo brasileiro.....	123
Figura 33 - Mexicanos espalham alegria no desfile para a comunidade	131
Figura 34 - A dança frenética dos vestidos prende atenção de comunidade escolar	134
Figura 35 - Escolas também apresentaram folclore gaúcho para visitantes	138
Figura 36 - Mariachis mexicanos em encontro com professores da Escola Cônego Ortiz	139
Figura 37 - Academia de jovens Chimangos também tem espaço na Festa Mundial do Folclore.....	142
Figura 38 - Chimangos dançam folclore paraguaio em galopera	149
Figura 39 - Folclore gaúcho é aplaudido na 5ª Festa Mundial	153

RESUMO

A dissertação descreve e interpreta as relações educativas não-formais possibilitadas pelo intercâmbio cultural no ambiente da Festa Mundial do Folclore em Caçapava do Sul. O trabalho analisa uma festa que amplia os horizontes culturais e vivenciais dos habitantes, inserindo-os num contexto de globalização que acontece mais pelo convívio humano do que pelas práticas comerciais. As famílias da cidade hospedam em suas residências mais de 150 estrangeiros pertencentes a grupos folclóricos de vários países. O conjunto da pesquisa intensifica as influências do contato intercultural que acontece por mais de 15 dias ininterruptos, apresentando como principal fio condutor as relações de amizade, confiança e convivência. Por intermédio de uma pesquisa qualitativa, o estudo aprofunda-se na visão dos participantes na elaboração dos princípios que mantêm a Festa Mundial em seus moldes de hospedagem por mais de dez anos. Nesse sentido a questão de um envolvimento emocional e afetivo estabelecem novamente a ligação entre duas essências do ser humano às vezes separadas pela ciência: razão e emoção. A interpretação dos dados aponta a mobilização em torno da Festa Mundial como eficiente instrumento de fortalecimento da identidade local, desde um ponto de vista histórico formal até o surgimento de uma perspectiva de mudança. De acordo com o trabalho, o contato multicultural, em vez de fragilizar, reforça as identidades dos representantes dos países num processo de aprendizagem que valoriza e intensifica sua percepção de cultura própria como condição prévia de uma possível cultura humana global. A Festa Mundial do Folclore estabelece, então, um espaço-tempo suspenso da realidade diária para potencializar seus recursos frente a dois dos mais apontados pilares da educação, conforme o relatório da UNESCO: aprender a ser e aprender a conviver. Considerada sob uma perspectiva construtivista interacionista, a pesquisa reconhece o evento como um ambiente propício para a aprendizagem assistemática. O estudo permite estabelecer diversas ligações entre áreas temáticas, disciplinas e experiências facilitando a construção de conhecimentos. Tal potencialidade passa a ser indicada como importante veículo de interesse e dinamização também à disposição das escolas ou da educação formal.

ABSTRACT

The paper describes and interprets the non-formal educational relations established by cultural interchange at the context of the Folklore World Feast in Caçapava do Sul. The work analyzes a feast that enriches the inhabitants' cultural and living horizons, inserting them into a globalization context that occurs through human conviviality rather than through trading activities. The city's families host in their homes more than 150 foreigners that belong to folklore groups from several countries. The research as a whole intensifies the influences of the intercultural contact that takes place for more than 15 days in a row, presenting as its leading element friendship relations, trust and conviviality. By means of a qualitative research, the study deeply focuses on the participants' view in the elaboration of the principles that keep the World Feast in its hosting character for over ten years. In this sense, the issue of an emotional, affective involvement establishes again the link between two essences of the human being sometimes split by science: reason and emotion. Data interpretation points out to the mobilization around the World Feast as an efficient tool for strengthening local identity, from a formal historic viewpoint up to the emergence of a perspective of change. According to this paper, multicultural contact, instead of weakening, reinforces the identities of the countries' representatives in a learning process that valorizes and intensifies their perception of their own culture as a previous condition for a tentative global human culture. The Folklore World Feast establishes, thus, a time-space suspended from daily reality to potentiate its resources facing two of the most pointed-out pillars of education, according to the UNESCO report: learn to be and learn to live together. Seen as an interactive constructivist perspective, the research recognizes the event as a suitable project for non systemic development. The study allows the building of several links between the theme areas, subjects and experiences, making the construction of knowledge easier. Such a potentiality starts to be indicated as an important vehicle of interest and dynamics also available for schools or formal education.

1 A VISÃO DE UM FORASTEIRO

A escolha do tema Festa Mundial do Folclore e suas interações com aspectos de identidade, cultura e, principalmente, de Educação ocorreram como consequência de duas circunstâncias pessoais. A primeira delas é a de morar muito próximo ao centro dos acontecimentos estudados. Desde muito cedo convivi com as lendas, compartilhei do imaginário farroupilha e do espírito de cordialidade tão bem representado na tradicional hospitalidade do gaúcho – morava então no 3º Distrito de Caçapava do Sul, a Segunda Capital da República dos Farrapos. Meus pais trabalhavam na localidade de Minas do Camaquã, uma pequena cidade de pouco mais de 700 residências, a 72 quilômetros da sede do município. O pequeno centro urbano foi construído pela Companhia Brasileira do Cobre (CBC) para atrair trabalhadores às suas minas de exploração. Até o final da década de 80 o local, assim como o município, era orgulhosamente reconhecido como Capital Brasileira do Cobre.

Outro motivo, creio que decorrente do primeiro, foi o fato de ter saído aos 17 anos para completar os estudos e ter retornado para trabalhar pela primeira vez como jornalista justamente na cidade de Caçapava. O inusitado disso foi ter chegado num

momento em que a Festa Mundial do Folclore ensaiava seus primeiros passos junto à comunidade. Então, pelo contato e envolvimento que minha profissão exigia identifiquei duas possibilidades: a de estar fazendo parte da construção do conceito novo, algo ainda não estudado ou definido e a responsabilidade de descrever seu desenvolvimento e possíveis conseqüências. Um jovem profissional deparava-se, então, com um fenômeno que parecia um espetáculo, mas que tinha algo mais do que um simples evento; vislumbrava a possibilidade de uma notícia, que na realidade, parecia exercer influência num campo muito maior e mais complexo do que a simples busca pela informação diária.

Começava assim uma relação mais profunda com a identidade e com a cultura de Caçapava do Sul, afinal, a atuação que me era exigida também favorecia um ângulo privilegiado de análise. E desde os primeiros passos causou-me grande impressão a disponibilidade dos habitantes daquela terra para hospedar seus visitantes estrangeiros com todos os ônus imagináveis de tal prática, mas que revelou-se, de fato, numa grande conquista pessoal, social e educativa. Talvez tão evidente que muitos de seus moradores e de suas autoridades locais nem tenham se dado conta ainda.

Após ter testemunhado e descrito inteiramente quatro edições da festa Mundial do Folclore (desde a 2ª) considerei minhas dúvidas e sonhos vividos na Clareira da Mata – nome proveniente da tradução da expressão guarani que deu origem à cidade, caá-ça-paaba. Ao longo deste tempo reuni numa seqüência bienal as experiências de trabalho e rotina no jornalismo e no magistério de ensino superior com as relações, fatos, visitas, arte e muitas emoções advindas da Festa Mundial.

Mas sempre tive a impressão muito forte de que a cada encontro novo, a cada despedida, eu tinha aprendido outra vez. A curiosidade de repórter e a avidez que cada professor deve desenvolver, não somente frente ao novo, mas também perante as possibilidades de ampliar o que já existe, me impulsionou no desafio de descobrir as implicações educativas do evento. Com esse objetivo, parti de uma velha dúvida: porque a cada festa me sinto mais completo e mais vazio?

2 INICIANDO A VIAGEM

A premente necessidade de encontrar enfoques para uma educação capaz de ressaltar a solidariedade e humanização, tanto nas relações formais das salas de aula quanto na apropriação das interações realizadas no dia-a-dia, nos remete à essencial ligação que o fenômeno educativo estabelece com a realidade sociocultural. Nessa perspectiva, a elaboração dos conhecimentos, a assimilação simbólica e a adaptação dos códigos referentes às mais variadas expressões da vida somam-se para a formação de um ser humano preparado da maneira mais completa possível para perceber o mundo.

2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA

Mas para que aconteça esta ligação entre a realidade e a possibilidade do “ser” é necessário que se crie um espaço pedagógico entre a vida dos outros e a do indivíduo cuja ligação pode ocorrer através de uma identidade assumida e, por isso, libertadora. Conforme afirma Freire:

“A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo” (1997, p.46).

Partindo de uma condição que destaque a importância dos elementos culturais, mas que também leve em consideração os efeitos da indústria cultural na formação dos indivíduos, o folclore - elemento integrador da proposta de estudo referente a Festa Mundial do Folclore - apropriado pelo movimento tradicionalista como recurso estético, insere-se representativamente nesse contexto, já que manifesta-se amplamente no panorama rio-grandense, trazendo em seu bojo recursos da historiografia, da geografia e das práticas artísticas ainda pouco avaliados enquanto possibilidades de aprendizado. Estas possibilidades foram o alvo de nosso estudo - destacando-se porém as relações de contato étnico e cultural estabelecidas entre pessoas de diversas nacionalidades, através do sistema de hospedagem familiar prevista pela Festa Mundial do Folclore de Caçapava do Sul. Os dados nos parecem úteis na medida em que não encontramos indicações consistentes de que os professores estejam preparados atualmente para inferir responsabilmente tais alternativas na preparação dos alunos, seja pelo desprestígio das relações extra-classe, seja pelo pouco valor que se dá no reconhecimento da educação informal como possibilidades de prazer e interesse remetidos as salas de aula.

Ao aludirmos o ponto de vista de José Luiz dos Santos (1983) numa concepção de que a cultura é uma dimensão do processo social, um produto coletivo da vida humana, seria correto supor que os processos de simbolização são muito

importantes no estudo dos sistemas globais da sociedade, através da condensação de significados. Contudo, o autor alerta que pode ser mais relevante interpretar a cultura em sua profunda ligação com o conhecimento e sua característica mais fundamental: *“o de ser fator de mudança social, de servir não apenas para descrever a realidade e compreendê-la, mas também para apontar caminhos e contribuir para sua transformação”* (Santos, 1983, p. 43).

3 O MAPA EPISTEMOLÓGICO

O objetivo de nosso trabalho depende, entretanto, de um percurso tão claro quanto for possível instaurar limites num arcabouço teórico tão instável e, por vezes, polêmico quanto educação, cultura, folclore e identidade. Conquanto seja um desafio até certo ponto pretensioso, buscaremos amparo numa concepção da educação que inicie sua trajetória a partir de uma abordagem sociointerativa e que venha a contemplar os pressupostos do multiculturalismo, uma vez que o objeto de nosso estudo destaca relações de intercâmbio e convivência afetiva entre pessoas de diferentes etnias e/ou nacionalidades.

Em que pese as definições a respeito da educação, sua função e especificidades, estarem diretamente ligadas aos processos e escolhas das sociedades, em momentos historicamente dados, na preparação de seus cidadãos ideais ou na reprodução de seus valores, perpassando atribuições que vão do aperfeiçoamento de habilidades inatas, instrução, até a conformação aos padrões sociais que lhe são externos, partimos aqui de uma análise capaz de aproximar a vida e o ambiente cultural do processo de educação do homem.

Assim queremos ultrapassar a visão aplicada por Durkheim que resulta num atrelamento do indivíduo à sociedade e suas imposições, ampliando as possibilidades de autonomia pessoal, conforme postulados que ressaltam o papel do indivíduo, então, numa fase já posterior defendidos por Dewey ou Mannheim. Libertando-se da reprodução dos conceitos determinados pela geração anterior, o homem agora já ensaia sua própria vivência produzindo uma avaliação crítica que na visão destes autores é importante para a reorganização da sociedade moderna.

Contudo, um balanço das duas concepções, na avaliação de Bárbara Freitag (1978), tem resultados ainda insuficientes para que ocorra necessariamente a existência de uma educação democrática e necessariamente transformadora. Para ela, ainda que representem idéias avançadas no sentido de unir a vida e a escola (no que se refere à proposta de Durkheim), tais abordagens ainda pecam pela apresentação de um modelo baseado na igualdade das chances e não o da igualdade entre os homens. *“As desigualdades na sociedade não são percebidas como diferenças geradas histórica e socialmente pelo próprio sistema social estabelecido, mas como justas, decorrentes das diferenças naturais entre os homens”* (Freitag, 1978, p. 13).

Antes que avancemos pelas abordagens seguintes - o que não é o objetivo -, devo antecipar que é preciso deter-se já agora num conceito elementar a partir do qual se pode ampliar a escolha por um estudo de origens culturais que, em dado momento, além de reconhecer o potencial político da educação, também reconhece um teor transformador da própria sociedade:

“Em uma sociedade dinâmica como a nossa, só pode ser eficaz uma educação para a mudança. Esta (educação)

consiste na formação do espírito isento de todo dogmatismo, que capacite a pessoa a elevar-se acima da corrente dos acontecimentos, ao invés de arrastar-se por eles” (Mannheim apud Brandão, 1994, p. 79 e 80).

Tal disposição antecipa-nos um princípio para a composição completa de uma concepção de educação: o de que o ser educado necessita, não só de ensinamentos, mas de aprendizagem. Sejamos mais claros. Se uma abordagem tradicional escolhe por inculcar determinados termos por meio de direção, do professor ao aluno; do experiente ao inexperiente; num plano mais atual pressupõe-se uma participação mais dinâmica e menos diretiva do processo educacional, reservando um lugar central para o educando ou para o ser que se educa. E mais, no caso específico deste trabalho amplia-se ao plano da vivência social, familiar, da rua, dos espetáculos, das hospedagens e suas trocas efetivas de valores e significados constituindo-se, então, os aspectos culturais que apontamos determinantes para o que concebemos como princípio educativo amplo do aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a ser, bases fundamentadas pela filosofia e explicitadas por Jacques De Loris como os quatro pilares da educação no relatório que lhe coube organizar para a UNESCO (1999).

Este avanço com relação à escola funcionalista nos lança posteriormente ao que pensamos ser a base epistemológica de nosso estudo, as abordagens cognitivista e sociocultural. Considera-se entretanto, ambas as possibilidades pois classificadas como interacionistas e com ênfase no sujeito como elaborador e criador do conhecimento. Neste caso apresenta-se o homem como um “*ser com raízes espaço-temporais situado no e com o mundo*” (Mizukami, 1986, p.87). Então uma

abordagem sociocultural infere um caráter amplo sem restringi-la a situações formais de ensino-aprendizagem.

Para Jerome Bruner (1998) há uma revolução na conceitualização de cultura humana, afastando-se as certezas referentes ao modo estruturalista estrito de ver o assunto, como um conjunto de regras interconectadas e elementos capazes de serem identificados como evidências essenciais entre distintas sociedades a fim de ligarmos de certa forma a um conceito de humanidade. Passamos então, para uma cultura como conhecimento do mundo implícito, interpretado e negociado entre os agentes a fim de alcançar meios satisfatórios de ação em determinados contextos. Desta maneira, a linguagem passa a ser o meio pelo qual a educação é conduzida e, assim, não pode ser neutro já que para o autor, ela passa uma perspectiva na qual as coisas são vistas conforme a nossa maneira individual de interpretá-las. Esta é a introdução da elaboração dos mundos possíveis já que Bruner defende a necessidade de que os significados sejam públicos e que acabam mediando nossa relação com a realidade, com o mundo, com o mundo conceitual.

“Uma vez que se assume a visão de que a cultura em si compreende um texto ambíguo que precisa constantemente ser reinterpretado por aqueles que dela participam, então o papel constitutivo da linguagem na criação da realidade social se torna tópico de preocupação prática” (Bruner, 1998, p. 128).

Duas concepções sugestivas ao trabalho que pretenda reconhecer os “mundos possíveis” construídos e interpretados pelos sujeitos são da psicologia popular e a abordagem de “si-mesmo” (self). A primeira como expressão de conjuntos de significados, muitos despidos da característica cultivada de uma elite social, antes o

contrário, recheada de mundos possíveis do senso comum. O segundo, definido em unidades de identidade, mas, como alerta o autor: *“as vidas de si-mesmos construídas na significação não são núcleos isolados de consciência, contidos em nossa cabeça, mas distribuídos interpessoalmente”* (Bruner, 1997, p.115).

Coerente a estes pontos de vista, acreditamos que o estudo que desejasse apresentar resultados significativos tendo por panorama o campo cultural, dificilmente seria afastado de princípios etnográficos, característica aliás, que nosso trabalho assumiu. Para tanto buscou-se de uma noção adequada de cultura em Clifford Geertz (1978), antropólogo para qual a cultura não pode ser compreendida sem uma interpretação preponderante dos significados compartilhados, num processo de análise fundamentalmente semiótico.

Já o processo de busca descrito pelo autor depende de uma “análise densa”, termo cunhado para separar elementos superficiais da descrição dos seus reais e importantes significados. *“O que chamamos de nossos dados, são realmente a nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem”* (Geertz, 1978, p.19).

Geertz defende que a cultura passe de um complexo de padrões concretos de comportamentos - costumes, hábitos, tradições - como foi até então, para um conjunto de mecanismos simbólicos de controle para governar o comportamento. O que leva a indicação de que a cultura apressa-se em sua histórica participação na concepção científica do homem natural, uma vez que o autor assegura que tais construções anteciparam as transformações no sistema nervoso central, por sua vez

contribuindo para a teoria de que quanto mais inferior o animal, mais predizíveis são suas atitudes. Na perspectiva tradicional tinha-se que primeiro o aparato físico teria sido completado no homem, para, então, iniciar-se o complemento da cultura.

Nesse caso, a cultura fornece um vínculo entre aquilo que os seres humanos são intrinsecamente capazes ou biologicamente aptos e o que eles finalmente acabam se tornando, um por um. E o que os homens são, acima de todas as outras coisas, é variado e específico, sob a direção de padrões culturais dinâmicos.

Mas a proposta mais aberta ao sentido de nossa pesquisa inscreve-se na expectativa de que a compreensão de fatos e eventos dentro de uma dada sociedade, além da própria interpretação possível deles, deve ser a consciência de que não podemos nos situar entre eles ou, pelo menos, sob as mesmas e seguras bases. Daí suas características interpretativa e microscópicas entendida neste aspecto como o confronto de realidades localizadas para a compreensão de conjunturas maiores. *“O ponto maior de uma abordagem semiótica da cultura é, como já disse, auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto amplo, conversar com eles”* (Geertz, 1978, p.35).

O autor quer que cheguemos aos detalhes para entendermos não as características das culturas e sua capacidade de renovar-se, mas também para possibilitar o conhecimento dos vários indivíduos dentro de cada cultura, *“se é que desejamos enfrentar a humanidade face a face”* (Geertz, 1978, p. 65). Um caminho que, segundo Geertz, segue através das simplicidades reveladoras e de uma preocupação com o particular.

As considerações sobre os conceitos de cultura, de educação e nossa posição de partida frente ao estudo do caso da festa Mundial do Folclore em Caçapava do Sul nos apresentaram, pelos resultados obtidos, um novo desafio de revisão na bibliografia já recolhida. No âmbito da coleta e interpretação dos dados surgiu a necessidade de, a partir das relações já estabelecidas, ampliar o detalhamento de aspectos ligados à emoção nas relações educativas, sendo em grande parte sustentação para nossas interpretações finais. As entrevistas, enquanto eficientes instrumentos de investigação, anteciparam a necessidade de aprofundar nossa concepção de globalização, indústria cultural e multiculturalismo. Da mesma maneira intensificaram nosso interesse pela análise de característica antropológica, visto tratar-se de uma festa tradicional na qual muitos elementos já se transformaram pela ação social em símbolos e conceitos de convivência ou estrutura social – fenômeno anteriormente já analisado pelo antropólogo Roberto DaMatta. Mas optamos por elucidar tais abordagens na medida em que fossem coerentemente integradas ao processo de descrição e interpretação dos dados.

4 NAVEGAR É PRECISO

A nossa principal pretensão, com o auxílio da pesquisa, é o de aprofundar o conhecimento de questões ligadas ao papel do folclore no que diz respeito à influência de suas manifestações através de espaços de educação não-formal na formação da identidade cultural de um determinado grupo ou população. Tais reflexos devem ser procurados na dinâmica construída em torno da Festa Mundial do Folclore de Caçapava do Sul, realizada regularmente a cada dois anos pelo Grupo da Arte Nativa “Os Chimangos”. Composta por elementos que oportunizam intercâmbio cultural a festa introduziu a hospedagem de delegações estrangeiras formadas por mais de uma dezena de países da Europa, Ásia e América Latina em residências de famílias caçapavanas por períodos, às vezes, superiores a 20 dias. No conjunto de interações a serem destacadas, temos cento e cinquenta (150) estrangeiros hospedados em duplas por aproximadamente setenta (70) famílias da localidade. Além disso, somam-se manifestações como artesanato, dança, música e atividades de características lúdicas.

4.1 IDENTIFICANDO OS RUMOS POSSÍVEIS

Para bem colocar a importância das vivências culturais oriundas das manifestações das comunidades na formação de um indivíduo capaz de perceber a globalidade das relações é que formulamos esta alternativa que, apesar de inspirar uma preocupação instrumental, é também uma tentativa de identificar a ação das ideologias no processo educativo, tanto não-formal, quanto formal. Ao buscar a compreensão do sistema de intercâmbio encontramos uma possibilidade de tornar a educação mais atraente e interessante. Pelo uso destas experiências, também não é menos verdadeiro que tais influências possam ter resultados negativos no sentido de perpetuar sistemas de dominação de classe ou outros. Tal perspectiva deve nos levar ao estudo, tanto da epistemologia ligada ao interacionismo do processo educativo, quanto das possibilidades de apropriação ideológica dos fenômenos estudados.

Esta proposta fortalece-se pelo fato de que as manifestações folclóricas tenham tido um papel histórico reduzido ao patamares de “*cultura das classes subalternas*”, para utilizar um termo cunhado por Gramsci (1995). Neste sentido cria-se uma oposição direta à concepção de cultura ilustrada das burguesias ou elites que se transforma ao longo do tempo, mas que, segundo Satriani (1986), também recebeu análises que se referem a uma delimitação dos níveis de contestação e interpretações de cunho narcotizante. Numa abordagem marxista do estudo e usos do folclore constata-se que sua relação com o passado sugere sua inclusão em iniciativas de cunho reacionário ou de manutenção de estruturas sociais decadentes quando sua proliferação é assumida por órgãos governamentais. Por outro lado, Eduardo Galeano (1999) coloca o folclore como verdadeira manifestação de arte e crenças da

cultura popular, tendo sido motivo e modelo para diversas obras ou estilos da arte contemporânea, ainda que desprestigiado com termos que o classificam como artesanato. Como nosso objetivo não é o de estabelecer um valor para a diferença epistemológica numa abordagem a respeito da disciplina do folclore, acreditamos que o mais importante seja considerar a ambas.

Com a dominação do paradigma sociocultural industrial e o advento das teorias socioeconômicas da globalização, o folclore tem novamente seu valor reconhecido, seja pelo efeito peculiar de suas manifestações frente à uniformização dos produtos culturais de uma sociedade sem fronteiras, ou pela busca frenética das identidades nacionais, cujo maior prejuízo recai sobre as respostas de nacionalismos totalitários ou nas manifestações dos chamados “Grupos de Ódio”. Nosso tema eleva-se em importância quando somamos a ele os aspectos inerentes ao comportamento do ser humano na diversidade engendrada por uma economia globalizada e relações não menos instantâneas e desterritorializadas.

É nesse momento que buscamos a análise de tal proposta sob o panorama educativo de maneira a sugerirmos, tanto quanto possível, oportunidades de preparação do corpo docente a nosso ver, desarmado de qualidades técnicas e cognitivas capazes de identificar caminhos seguros numa área de limites tão tênues.

5 FOLCLORE: O EU, O TEMPO E O ESPAÇO

Num ambiente economicamente prejudicado, representado pelo rótulo de Metade Sul, o município de Caçapava do Sul, assim como as demais cidades da região, articula um discurso de preparação para alternativas turísticas ou novas fontes de geração de renda. Tal fato tem exigido novas reflexões que incluem o sistema educacional do município, assim como se vê, também, em outras localidades. Exemplo disso são iniciativas como a criação ou inclusão das respectivas histórias municipais nos currículos escolares. O próprio Governo do Estado do Rio Grande do Sul busca uma definição turística para a região, vinculando-a a uma “identidade” do gaúcho, capaz de unir Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil numa única fonte de rotas de visitação. Enfoques como esse, particularmente identificados com a estruturação de pólos regionais ou mercados comuns, são classificados por Octavio Ianni (1999) como iniciativas de cunho econômico. Contudo, cremos nas possibilidades culturais e num processo anterior ao discurso do globalismo estadual.

Conforme o ambiente apresentado, cremos ser importante um estudo capaz de compreender os possíveis efeitos de uma apropriação institucional dos elementos da cultura popular pelo argumento do desenvolvimento econômico. Por isso, amplia-se

a abrangência e a urgência de um questionamento: quais são os efeitos da Festa Mundial de Folclore para as relações educacionais, através das características de intercâmbio cultural inerentes à proposta de hospedagem familiar e de espetáculos lúdico-artísticos vivenciadas em Caçapava do Sul e que reflexos ocasionam na formação da identidade local através da educação não-formal?

5.1 UM PORTO LOCAL: SOLIDARIEDADE MUNDIAL

Por intermédio deste trabalho buscamos apresentar alternativas que levem a desenvolver, por parte dos educandos, uma concepção interessante de aprendizagem. Conforme Gadotti (1992), as teorias da educação indicam que o conhecimento não depende somente do esforço e da repetição, mas sobretudo do interesse. Ao não reconhecer este pressuposto, as escolas não oferecem um saber correspondente a uma vivência intensa do educando, um descompasso entre o interesse dos alunos e as atividades desenvolvidas na escola.

Com uma compreensão do fato folclórico e das relações interculturais, pretendemos lançar ao alcance das escolas uma temática que pode ser abordada por vários ângulos: desde aqueles adaptados aos currículos das disciplinas como geografia, artes, história, literatura e ciências sociais como um todo; como também projetos novos, os quais precisam ser estimulados através de autonomia pessoal frente ao conjunto oficial da educação. Assim, estaremos oportunizando uma interação entre a cultura elaborada e a “cultura popular” (Freire), a “cultura primeira” (Snyders), como uma possibilidade de recurso transdisciplinar.

Ao vencermos adequadamente nossos próprios limites e ignorâncias a respeito de escola e vida estaremos nos dirigindo, então, a uma relação direta entre a identidade cultural e a prática educativa, onde buscamos seja apresentado o respeito mútuo que supere preconceitos de raça, de pobreza e gênero. Esta vem a constituir-se na proposta de educação multicultural sustentada por Gadotti:

“A tese que defendemos aqui é a renovação dos conteúdos culturais da escola, entrelaçando o setor formal (educação regular) com o setor não formal (educação assistemática), ou como dizia Snyders, a ‘cultura elaborada’ e a ‘cultura primeira’, é condição essencial para o sucesso da educação para todos” (1992, p.86).

Já a questão da identidade também se apresenta aos objetivos, uma vez que se pretende estipular as influências da Festa Mundial do Folclore percebidas no comportamento e no processo de simbolização da realidade dos caçapavanos. Uma vez determinados os aspectos desta influência, obviamente teremos percorrido um caminho hoje traçado por todas as sociedades envolvidas com o postulado da aldeia global. Nosso procedimento, entretanto, tem o interesse de precaver-se contra a radicalização das diferenças, através do potencial afetivo inerente ao objeto de nosso estudo. A educação nesse sentido deve ter o desafio de manter o equilíbrio entre a cultura local, regional, própria de um grupo social ou minoria étnica, e uma cultura universal que é patrimônio da humanidade. *“A diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua”*, afirma Gadotti (1992, p.23).

Com tal discussão pretendemos contribuir, dentro do possível para que a comunidade escolar caçapavana vivencie suas formas de interpretação do mundo e

da vida, participando do conjunto da sociedade e compreendendo a origem de suas crenças. Desta maneira, além de estimular a busca de respostas autônomas para as escolas, estaremos fornecendo dados suficientes para criar ou reconhecer uma identidade própria exatamente no momento em que os seres humanos parecem mais iguais no sentido da homogeneidade.

A tecnologia da era pós-moderna tem a capacidade de nos colocar em contato direto e freqüente com qualquer pessoa, em qualquer lugar do planeta, mas quanto mais unificados os hábitos, símbolos de poder e de consumo, mais o homem procura ser diferente ou original.

Como resultado de nosso trabalho, procuramos também identificar as possíveis qualidades ou deficiências deste processo de educação não-formal de maneira a estabelecer subsídios que facilitem a sua apropriação, na rede municipal de ensino através de fórmulas criativas e eficientes.

6 METODOLOGIA

Lançado o desafio de reunir em um trabalho de dissertação conceitos como cultura, educação e identidade, buscamos a adoção de uma metodologia que contemplasse as profundas relações entre pessoas que o fenômeno estudado proporciona. Assim, optamos pelo estudo de cunho qualitativo uma vez que o objeto em questão requer avaliações e inferências de teor subjetivo e de características por vezes antropológicas. Conforme suporte buscado em Castro (1994), tais características são encontradas no paradigma interpretativo que supõe também denominações como qualitativo, fenomenológico, humanista, interacionista, etnográfico e outros. A obra traz ainda:

“A perspectiva desse paradigma é penetrar no mundo pessoal dos sujeitos, buscando compreensão, o significado particular da ação das pessoas e utiliza como critério a evidência do acordo intersubjetivo no contexto educacional. Pretende, ainda, desenvolver conhecimento ideológico, assumindo que a descrição pode mostrar uma realidade dinâmica, múltipla e holística” (Castro, 1994, p.66).

Os pressupostos qualitativos são os que mais aproximam-se das necessidades relatadas por denotarem a possibilidade de flexibilização às circunstâncias que não

oferecem chances absolutas de controle e previsão, abrindo-se às necessidades que emergirem durante o processo de investigação. Nossa compreensão deste fator tem por principal base a escolha pela abordagem conceitual dada à cultura e à educação em nosso trabalho.

Tais elementos foram descritos e estudados sob um ponto de vista pós-positivista - resultado do estudo dos conflitos no campo científico notadamente apresentados com a introdução da discussão sobre a separação entre observador e objeto, a capacidade de mensuração das pesquisas e da excessiva dependência que as investigações positivistas mantinham com relação às técnicas da ciências naturais.

Sobre o desenvolvimento de uma “revolução silenciosa” na metodologia das ciências humanas e sociais nas últimas duas décadas. Miguel Martinez Miguez (1994), adianta:

“A metodologia qualitativa não reduz a explicação do comportamento humano à visão positivista, que considera os fatos sociais como coisas que exercem influência externa e causal sobre o homem, mas que valoriza também, sobretudo, à importância de como a realidade é vivida e percebida por ele” (p.08).

Tal assertiva nos remete a uma transformação de padrões clássicos do saber, da investigação e da validade dos conhecimentos que, então, passam a relativizar os critérios da nomenclatura científica. É assim que a abordagem qualitativa torna maleável bases como a objetividade do conhecimento, o determinismo dos fenômenos, a experiência sensível como fonte de saber e possibilidade de verificação, e a lógica formal como garantia para os procedimentos.

É exatamente sobre este ponto do debate que Martinez deixa clara a perspectiva em que entende ser maior a diferença que acaba separando os paradigmas positivista e pós-positivista: a sua gnoseologia ou teoria do conhecimento. Enquanto para o primeiro a realidade só pode ser obtida através da percepção sensorial como um reflexo, deixando o conhecimento na condição de cópia desta realidade, já o novo paradigma precisa ser entendido como resultado de uma interação dialética entre conhecedor e o objeto conhecido.

Reside justamente neste pressuposto a nossa escolha pela abordagem etnográfica, uma vez que tais interações defendidas pela metodologia qualitativa nos oferecem a oportunidade de colocar o estudo num nível de diálogo oportuno ao campo do objeto, ou seja, a área das interpretações simbólicas da cultura e da educação. Desta forma acreditamos pertinente esta abordagem que atribui o conhecimento às relações que se estabelecem entre os sistemas internos de uma estrutura aqui remetida ao todo a ser compreendido. E tal como informa o autor, cada parte deste processo possui suas relações internas que, em contato com outras partes do todo, acabam por também, sofrer influências e influenciar as demais. Parte-se dos rudimentos da teoria da exclusão que já nas ciências exatas reconhece que as leis que regem os sistemas não são as mesmas que determinam o comportamento de seus componentes. E toma-se como uma ampliação deste teor ao tratar das redes de relação que se travam nos complexos fenômenos das sociedades. *“(...) Esta situação se evidenciará mais quando tais processos se entrelaçam, interagem e formam um todo coerente e lógico, como é uma pessoa, uma família, um grupo social e até uma cultura específica”* (Martinez, 1994, p.08).

Com o objetivo de respeitar as especificidades naturais atribuídas aos relacionamentos dos seres humanos e suas normas específicas, de conhecê-los, pretendemos elaborar as bases de nossa investigação. Um dos nossos principais objetivos metodológicos é o de captar as redes de relações vividas estabelecendo um processo de análise seguido, sistematicamente, da prática de síntese e interpretação, aproximando-nos da técnica do círculo hermenêutico de Dilthey mencionado em Miguel Martinez (1994).

As informações teóricas preliminares subsidiaram as atividades práticas das entrevistas e sua posterior interpretação exigiu aprofundamento sobre áreas não previstas *a priori*. Através de Análise de Conteúdo, foi possível dimensionar a influência da Festa Mundial do Folclore na educação não-formal de Caçapava do Sul, bem como possíveis reflexos formadores da identidade da população.

Concluindo nossa apresentação da proposta metodológica temos a destacar, entretanto, que apesar dos esforços a serem feitos no sentido de conferir ao estudo a maior rigorosidade de critérios científicos, é peculiar a esta modalidade de pesquisa, uma característica de maior flexibilidade e de abertura. Dito isto, queremos resguardar-nos de uma posição de exigência quanto a hipóteses elaboradas *a priori*, uma vez que a investigação etnográfica pressupõe estabelecer um diálogo com a realidade e que dele surjam novas possibilidades, às vezes entorpecidas por juízos e teorias prévias.

6.1 PROCEDIMENTOS

Um pressuposto básico para pôr efeito à investigação etnográfica, segundo Martinez (1994) é a de que as informações devam ser buscadas onde elas estão, onde acontecem e onde é possível captar o ambiente de interações socioculturais presentes. Portanto, de maneira preliminar foi realizada a seleção de informações e teorias relevantes ao desenvolvimento de uma proposta de trabalho voltada às possibilidades da educação não-formal, influência do folclore ou cultura popular nas relações educativas e, também, referenciais que apontassem para concepções de multiculturalismo na educação, através de revisão bibliográfica, conjunto dirigido ao contexto cultural de Caçapava do Sul e que acabou revelando-se influenciado pelo movimento intersubjetivo.

Paralelamente a uma prospecção junto às escolas, foi identificado o tratamento atualmente conferido às possibilidades de utilização da realidade e da cultura popular ou da própria Festa Mundial do Folclore e seus elementos como possibilidade educativa. Também foram iniciados os contatos que trataram da entrada do observador no âmbito das relações e da prática do Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos” e junto às famílias que formam a rede de hospedagem voluntária. Nesse caso, etapa facilitada pela convivência do pesquisador em anos anteriores e pelo fato de quatro colaboradores serem da própria comunidade, ainda que sem a experiência da hospedagem familiar.

Como relevância particular dentro do processo de investigação e do que podemos classificar como trabalho de campo, optei por inscrever-me no rol dos

voluntários, tendo hospedado, no período descrito pela pesquisa, uma dupla de músicos mexicanos. Minha escolha serviu para que além de uma visão externa sobre as famílias a quem acompanhava, pudesse eu mesmo ter estímulos e trocasse fluxos comunicativos e culturais a fim de beber da mesma fonte de onde deveriam emergir os dados.

A partir de então, iniciou-se a coleta de dados fundamentados em entrevistas abertas com os integrantes do grupo de Arte Nativa “Os Chimangos”, buscando relatos que oportunizassem o esclarecimento de uma dimensão compreensível de sua experiência em Caçapava e nos países visitados. Somam-se a estes, entrevistas com integrantes voluntários do sistema de hospedagem familiar criado pelo grupo a fim de manter os estrangeiros em Caçapava do Sul.

É importante destacar, agora, o fato deste trabalho descrito ter estabelecido como meta ser realizado de maneira a recolher impressões completas, nos seus mais variados matizes - o que nos leva de uma descrição comportamental ou de vestuário até os recursos lingüísticos utilizados pelo grupo analisado. É importante que tais procedimentos possam ser repetidos, por isso, todo o material foi recolhido em gravações de fita K-7, fotografias e fitas de videocassete, fornecidas e gravadas pelos próprios participantes, facilitando transcrições, análises, categorizações que fundamentam a interpretação global a ser construída com este estudo.

6.2 ÁREA TEMÁTICA

Analisamos a influência da Festa Mundial do Folclore e da cultura popular na formação de uma identidade caçapavana, estudando a dimensão educativa proveniente de um evento de intercâmbio cultural apresentado ao longo de dez anos. Para isso foi preciso uma abordagem capaz de interpretar os efeitos da troca de vivências multiculturais da hospedagem familiar praticada pelo encontro bienal. Assim fazendo, estudamos as possibilidades pedagógicas da educação não-formal através do contato entre indivíduos de diferentes etnias e nacionalidades, explorando as apreensões advindas do intercâmbio e apresentá-los de maneira a propor o aproveitamento da experiência em relações educativas também de caráter formal.

A evolução da pesquisa e o caráter abrangente dos resultados precisou ser reavaliado frente ao projeto original de maneira a elaborar um foco definitivo e, ao mesmo tempo esclarecedor. Assim, reduzimos a temática em três questões centrais a fim de melhor tratar as categorias cujo significado muitas vezes uniam sobremaneira duas ou três áreas de estudo. Contudo, é preciso antecipar que tal preocupação reduz-se simplesmente à organização e ao tratamento das informações, uma vez que não nos empenhamos por uma separação formal entre a fase de captação e a fase de interpretação dos dados.

6.3 QUESTÕES NORTEADORAS

- Como a Festa Mundial do Folclore é percebida em Caçapava do Sul e de que forma o contato com estrangeiros pode influenciar uma maneira de entender a educação não-formal?
- Quais são as situações educativas identificadas através da Festa Mundial do Folclore?
- Quais são as influências da Festa Mundial do Folclore na formação da identidade local e na concepção de realidade dos grupos envolvidos?

6.4 CAMPO DE AÇÃO

Fizeram parte do universo pesquisado os integrantes e dançarinos do Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos” de Caçapava do Sul. Famílias voluntárias da rede de hospedagem familiar e visitantes estrangeiros. Escolas da rede municipal e estadual de Caçapava do Sul, nas quais identificamos alguma ação ou realização durante as Festas Mundiais ou, por outro lado, que tenham demonstrado algum interesse em apropriar algum recurso da festa em suas vivências.

6.5 LOCAL DE REALIZAÇÃO

O início dos trabalhos deu-se no Campus da Universidade da Região da Campanha – Urcamp – em Caçapava do Sul. Na mesma cidade foram executadas as entrevistas em residências de famílias do grupo voluntário receptor de estrangeiros, de dirigentes e integrantes do Grupo de Arte nativa “Os Chimangos”, e visitas a duas escolas: Escola Municipal Nossa Senhora das Graças e Escola Estadual Cônego Ortiz, que desenvolveram atividades nas áreas de interesse próximas do tema e foram visitadas pelos grupos folclóricos estrangeiros. O trabalho de análise e interpretação foi realizado no campus da Urcamp de Bagé.

6.6 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Nosso modelo de amostragem recaiu sobre a prática de escolha intencional, baseada em critérios situacionais. Isto deve-se ao objetivo de levantar informantes capazes de estabelecer uma ponte de elevado teor comunicativo entre a comunidade estudada. Assim adota-se a concepção de informantes-chave, cuja sucessão de dados relatados compõem um amplo e minucioso panorama do fenômeno Festa Mundial do Folclore e sua ocorrência em Caçapava do Sul: professores e dirigentes de escolas municipais e estaduais num número não superior a seis pessoas.

Integrantes de famílias voluntárias do sistema de hospedagem aos estrangeiros, num número total de três pessoas.

Pessoas que testemunharam como profissionais ou que tenham estado de alguma maneira ligados politicamente à realização do evento em Caçapava ou simplesmente tenham se tornado público ao longo dos últimos dez anos, num total de quatro pessoas.

Dançarinos e dirigentes do Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos” e de grupos estrangeiros, num número não superior a quatro pessoas.

É coerente esclarecer que do total de 16 entrevistados selecionados intencionalmente, ocorreu em alguns casos que um mesmo indivíduo classificava-se em dois tipos de informações-chave. Ou seja, há uma professora que pela atuação profissional e compromissos com a festa, acabou oferecendo informações relevantes desde o ponto de vista da interpretação escolar, até às relações estabelecidas na hospedagem familiar, já que também foi voluntária. Outro caso foi o de dois integrantes do grupo “Os Chimangos” que, além de informações sobre o papel da entidade, apresentaram suas experiências enquanto membros do cadastro de famílias que hospedam estrangeiros.

6.7 COLETA DE INFORMAÇÕES

Desenvolvemos a proposta tendo por base a antecipação de uma revisão do referencial teórico a dar suporte aos conceitos e concepções do tema abordado, como também análise documental e histórica sobre material referente ao evento em questão. Num segundo momento, buscamos um conhecimento capaz de trazer luz e

compreensão às abordagens feitas pelas escolas sobre o tema em questão e as práticas vivenciadas até então com relação ao folclore e a Festa Mundial. Realizamos entrevistas abertas com os participantes diretos do processo da Festa Mundial do Folclore, orientamos nossa prospecção das vivências relacionadas ao intercâmbio, suas aprendizagens e conflitos para, a seguir, submeter as informações concedidas a uma análise de conteúdo com a finalidade de conduzir o estudo às considerações finais.

6.8 INSTRUMENTOS

Uma das principais finalidades da investigação de cunho qualitativo é a de compreender e interpretar as vivências dos indivíduos integrantes de um sistema ou participantes de um fenômeno dado, relacionando-se com o ambiente pesquisado na prática da observação participante num intenso fluxo de inserção ao ponto de assumir propriamente a perspectiva do outro, dos sujeitos do fenômeno. Isso implicar na utilização de seus procedimentos de diários ou notas de campo, já que pela situação de proximidade já partilhada pelo propositor do trabalho, muitos aspectos são desfrutados desse convívio com o grupo estudado.

Para isso, e lembrando que a técnica mais usual na investigação etnográfica baseia-se - conforme Martinez (1994) - na linguagem falada ou escrita, nos valem de entrevistas abertas nas quais foi possível, através de transcrição posterior, analisar e interpretar os pontos de vista, opiniões e impressões elaboradas pelos participantes orientados para o fato de que o nosso hábito verbal e lingüístico serve tanto para

expressar idéias quanto para escondê-las. Tai constatação nos traz um reforçado sentido de análise de signos expressivos a fim de captar o verdadeiro sentido das palavras.

Considerada um dos grandes instrumentos da metodologia qualitativa, sobretudo, da investigação etnográfica, a entrevista aqui teve por objetivo adotar a forma de uma conversa aberta, coloquial ou semi-estruturada que, inclusive, poderia ter sido complementada mais tarde com outras técnicas escolhidas de acordo com a natureza do fenômeno estudado.

6.9 ANÁLISE DOS DADOS

O princípio do processo de avaliação dos dados levou em consideração que a categorização, análise e interpretação são atividades mentais inseparáveis. Embora seja claro que são atividades mentais simultâneas, elas, por serem diferentes, foram ilustradas separadamente de acordo com a propriedade temporal da atividade em que se põe ênfase através do método de análise de conteúdo.

Após a posse de um material primário bem detalhado e completo, o mergulhamos mentalmente na realidade ali expressa, para ter uma visão de conjunto que assegurasse um bom processo de categorização. Para que isso ocorresse, revisamos relatos, ouvimos reiteradas vezes as gravações, buscando situar e refletir sobre as situações encontradas. Cada nova revisão do material permitiu captar novos detalhes que orientavam os enfoques possíveis ao contexto. Nessa busca constante de

novos significados no material, fizemos um texto resumido a respeito de cada entrevista, destacando idéias, conceitos e pontos de vistas dos entrevistados. A partir dessa análise, fizemos anotações, destacando expressões mais significativas, colocando símbolos e elaborando esquemas de interpretação possível. Depois, recorremos várias vezes ao original das entrevistas para dar segurança às interpretações que fazíamos simultaneamente.

Depois desse processo de análise, lançamos mão de um procedimento de comparação entre todos os resumos ou análises das entrevistas, buscando significados e impressões que demonstrassem unidades e nuances temáticas em comum. Desde este momento deu-se início ao processo de categorização efetivamente utilizado.

Para efeito prático, publicamos as falas que compõem as categorias mediante a seguinte codificação: o primeiro número corresponde a identificação do indivíduo e o segundo refere-se à categorização principal na qual está inserido o depoimento. No caso de duas entrevistas, onde há três participantes em cada, optamos por identificá-los com letras. Assim, temos que maior segmentação no código acabaria por poluir a finalização e exposição do material, uma vez que as subcategorias receberam outras decodificações a cunho de organização pessoal dos dados.

Nesse primeiro momento, o investigador precisa estar atento para evitar categorizar as coisas examinadas conforme esquemas já familiares, *“é preciso afastar tudo que não tenha emergido da descrição protocolar, pois só assim, conseguiremos ver além de nossas próprias idéias”* (Martinez, 1994 p. 70).

Desde que se inicia o processo de recolhimento dos dados ou informações, já começa o processo de categorização e em menor escala o de análise e interpretação teórica.

Invocando Dilthey, Martinez estabelece três condições para o investigador compreender melhor a expressão de vida das pessoas:

- a. Familiarizar-se com a forma de pensar dessas pessoas, devendo ser rigoroso, sistemático e crítico.
- b. Precisa conhecer o contexto concreto onde se situa o objeto da pesquisa.
- c. É necessário conhecer o sistema social e cultural ali predominante.

É imprescindível ao investigador que opta pelo sistema de análise de conteúdo a virtude de compreender a interferência de variados e até particulares significados expostos para a definição de uma vivência a ser estudada. Aqui tomam corpo conceitos de efeito cultural comum da mesma forma que as influências da personalidade dos estudados, já que num processo, tanto o indivíduo recebe quanto provoca mudança no seu ambiente. Em nossa compreensão, nunca percebemos um gesto ou uma ação em si mesma, mas sim, como parte de uma estrutura mais complexa. O que percebemos é uma “constelação” de valores que, sendo pessoais, são fatores determinantes de ações. Ao compreendê-los, estaremos compreendendo a filosofia de vida das outras pessoas.

Num dos momentos determinantes da análise nos deparamos com uma série de relatos que inseriam uma determinada tensão entre o que denominamos para efeito desse estudo de “educação não-formal” ou assistemática, vivenciada nas residências e ambiente de espetáculos e da rua, com o espaço da escola. Tais manifestações provinham em grande parte de fontes ligadas ao corpo docente e dirigentes escolares. Respeitando os procedimentos da metodologia, buscamos por colher e interpretar estes dados num ambiente próprio de análise, o que resultou em uma categoria específica, ainda que sejam considerados também, dados advindos de outras fontes ligadas à comunidade.

Para Martinez, o positivismo clássico não considerava o caráter simbólico e limitante da linguagem científica, pois supunha que os conceitos científicos eram uma réplica exata e completa da natureza considerado por ele como realismo ingênuo. *“Hoje, sabemos que a linguagem não representa a natureza em todos os seus aspectos”* (1994, p. 73).

Como em referência anterior nos colocamos preocupados não em apenas elaborar a análise do teor do material protocolar recolhido, cabe-nos um esclarecimento: a palavra análise, em sua origem etimológica, quer dizer “separar” ou “dividir” as partes de um todo para se compreender melhor os princípios e elementos que o compõem. Mas, sendo o todo um sistema ou estrutura, a divisão pode destruir sua natureza, o que impedirá a compreensão da nova realidade.

Descartes, em sua obra “O discurso do método”, aconselhou que para entender um problema, deve-se “fragmentá-lo em tantos elementos simples e separá-

los o quanto possível”, este é o enfoque da filosofia analítica e positivista que embasava sua ênfase no quantitativo.

Já Aristóteles, advertiu que o todo é algo mais que a soma de suas partes . E as ciências humanas buscam esse “algo mais”, pois consideram falsa a suposição de que se capta a realidade total através do desmembramento de seus diferentes componentes físicos (análise desintegradora).

Por isso, acreditamos ser necessário o empenho de síntese criadora e criativa, capaz de estimular o trabalho do investigador no “ir e vir” exigido pelas interpretações e pelo conteúdo que emerge dos dados. Quanto mais completa e duradoura for a imersão no campo fenomenológico que vai estudar; quanto mais se aprecie o campo, objeto de nosso conhecimento, e quanto mais aberto se está aos detalhes do mesmo, mais fácil será a captação de um novo conhecimento.

As informações colhidas e cruzadas pelas orientações metodológicas da análise de conteúdo, aproximam-se o máximo possível da vida e da experiência dos participantes da ciência e do método. Buscar interpretação por este sistema realça a oportunidade de encontrar as categorias sinceras e pertinentemente aplicadas às situações adequadas. É através do contato e interpretação criteriosa que a composição dos significados expressos pelo conjunto do fenômeno transforma-se em nova e instigante fonte de conhecimento.

7 DA ALDEIA PARA O MUNDO

A Festa Mundial do Folclore nasceu da atuação de um grupo de jovens caçapavanos inteiramente envolvidos na dinâmica cultural resultante da estética tradicionalista representada pelos Centros de Tradições Gaúchas. Articulada em torno de objetivos globalizantes e de intercâmbio cultural, a festa mundial reúne delegações artísticas de vários países para espetáculos de canto e danças folclóricas. Sua maior e mais radical característica, entretanto, é a hospedagem familiar dos estrangeiros. Entretanto, só é possível atribuir uma dimensão razoável, tanto quanto possível, ao fenômeno da Festa Mundial do Folclore, seus recursos de intercâmbio, de afirmação e realimentação da cultura regional se buscarmos compreensão maior sobre a temática do folclore e da identidade cultural representada durante o evento. Para isso, é preciso lançar luzes sobre as origens e a história da festa que, por sua vez, é antecipada pela formação do Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos”. Impregnados na visão do tradicionalismo rio-grandense, os integrantes, pela orientação identificada nos registros orais e na bibliografia disponível, demonstram ter sido ao seu tempo um movimento de resistência aos padrões de conservação

cultural, elaborando sua autonomia frente ao tradicionalismo gaúcho, numa tendência que realça uma separação entre o movimento original e a vertente nativista.

7.1 O TRADICIONALISMO

O Rio Grande do Sul, como defende o escritor e historiador Barbosa Lessa (1985), apresenta períodos de relativa recorrência no que diz respeito ao restabelecimento e reforço dos valores culturais provenientes de sua origem rural. A cada trinta anos um novo fluxo sócio-político-cultural realimentaria sucessivos resgates e reafirmações da cultura regional gaúcha. Baseado nas tradições fundadoras de uma identidade local ligada à hierarquia campeira e ao modelo de colonização implantado no Estado, o Tradicionalismo iniciou suas manifestações através da simbologia que, ainda hoje, tem por base a vida no campo. Conforme a maioria dos historiadores, o primeiro movimento cultural identificado com estas questões foi a Sociedade do Partenon Literário, fundada em 1868. Liderada pelos intelectuais Caldre Fião e Apolinário Porto Alegre, a Sociedade do Partenon promoveu o telurismo que julgavam ser um aspecto importante na constituição sócio-cultural dos habitantes do Rio Grande do Sul através de revistas, livros, conferências e jornais. O conjunto dessa obra resultou na construção da visão positiva e idealizada do gaúcho, dando início à elaboração do mito do centauro dos pampas que se enraizaria mais tarde como um ícone da cultura local.

De maneira paralela aos valores do Partenon, é retomada a memória da Revolução Farroupilha (1835-1845), prestigiada no final do século XIX pelos

liberais gaúchos. De acordo com Nilda Jacks (1998) o segundo momento desta fase foi identificado como gauchismo cívico (1899), quando o Rio Grande do Sul sentiu necessidade de reforçar valores locais agora para solidificar as relações entre estado e sociedade no transcurso entre Monarquia e República. Nesse período foram criados núcleos cívicos que adotaram o nome “gaúcho” numa época em que ele ainda não era considerado um substantivo gentílico e possuía uma conotação pejorativa. O primeiro foi o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, fundado em 1898 por João Cezimbra Jacques (Patrono do tradicionalismo). Um ano depois foi fundada a União Gaúcha de Pelotas, pelo escritor João Simões Lopes Neto. Numa fase posterior, escritores como Lopes Neto, Carlos Dante de Moraes, Vargas Neto, Augusto Meyer deixaram também sua contribuição ao mito do gaúcho com o regionalismo literário que marcou suas obras.

7.2 O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

A ação do tradicionalismo, enquanto movimento resultante da conservação de valores cívicos regionais e reprodutor da estética gauchesca, como as vestimentas tradicionais, as danças folclóricas e, também do modo de produção, impôs-se formalmente no final da década de 40. O esforço do Governo de Getúlio Vargas em forjar uma identidade nacional, cuja realização levaria a intento o programa político de centralização do Estado Novo, estimulou resistências locais, deflagradas definitivamente como resposta à queima das bandeiras estaduais, abolição de seus símbolos e hinos determinada pelo poder central da República (Pesavento, 1990). O

descontentamento dos diversos setores políticos também apontava para o papel a que o Estado havia sido relegado pelos planos do governo central: “a ele cabia fornecer alimentos baratos para o trabalhador nacional” (Pesavento, 1990, p.115). Com a abertura política decorrente do final da Segunda Guerra Mundial e a impossibilidade de manter um governo concentrador em ambiente de efervescência democrática, os intelectuais de classe média voltaram-se aos valores da cultura regional.

Foi então que estudantes secundaristas do Colégio Júlio de Castilhos de Porto Alegre lideraram um movimento que resultaria na deflagração do tradicionalismo gaúcho conforme atualmente é interpretado. Tendo participado de um desfile comemorativo ao dia do gaúcho, 20 de setembro, data em que se comemora a Proclamação da República Rio-Grandense pelos farroupilhas, os jovens, entre os quais figuravam Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, participariam em 1948 da fundação do 35 Centro de Tradições Gaúchas.

O CTG, cuja denominação remete à Revolução Farroupilha deflagrada em 1835, foi um verdadeiro estopim para a criação de mais de mil centros similares até o final da década de 70 e mais de 280 durante a década seguinte. Com ele também estava preparado o caminho para a fundação do MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho -, uma federação que reúne CTGs e entidades semelhantes, criada em 1966. A entidade coordena todas as atividades do tradicionalismo no Rio Grande do Sul e é, até hoje, uma das organizações que mais influencia a composição da cultura regionalista e a identidade do gaúcho. Com carta de princípios própria e orientação política determinada pelos congressos tradicionalistas, o MTG tornou-se o órgão fiscalizador, catalizador e orientador das atividades de seus afiliados.

7.3 O NATIVISMO

Durante a década de 70, período amordaçado pela censura e pelo embaraçoso limite político imposto pelo regime militar às manifestações populares, mas também de profunda crise econômica e de enfrentamentos que determinariam grandes transformações no cenário nacional, o panorama da cultura regional também mudava. Sofrendo as influências da abertura promovida pelo intenso contato dos festivais musicais nativistas e suas cidades de lona, o tradicionalismo começa a abrir espaços a outro movimento cultural.

Tendo passado com sucesso pelo período de sedimentação, as representações artísticas da cultura gaúcha estavam agora seguramente alicerçadas nos manuais do Movimento Tradicionalista Gaúcho iniciado no final da década de 1940 e reproduzidas com fidelidade nos salões dos CTGs. Tais orientações bebiam na vertente do Partenon Literário, movimento criado ainda no século passado e que representava as profundas ligações entre o homem regional e o símbolo idealizado da Revolução Farroupilha.

A literatura e a música da América Latina, principalmente de cunho folclórico e crítico, chega aos meios universitários destacando relevos culturais que aproximam o gaúcho do resto do continente. Registra-se uma divergência interna de propósitos dentro do CTG (Jacks, 1998). O Tradicionalismo esforçava-se pela preservação das raízes regionais e no combate às manifestações alienígenas - preocupação incluída em sua carta de princípios, que correspondia à penetração da indústria norte-americana e do *american way of life* na sociedade brasileira a partir dos anos 40. Já

os setores mais jovens requeriam mais liberdade para abrir-se a uma renovação da cultura regional.

Nesse ambiente influenciado pelo sucesso e expansão dos festivais de música nativa, surge o Movimento Nativista que propõe afrouxar as amarras que até então impediam a evolução de manifestações musicais ou poéticas, resultando na agregação de novos valores, inclusive de apelos mais urbanos. As discussões se entabularam por via de críticas ao que os nativistas denominavam “patrulhamento ideológico” dos tradicionalistas, executado por meio de regulamentos delimitando temas, estilos e ritmos considerados ideais às propostas de cada festival da canção. A maioria dos festivais seguia o padrão estabelecido pelo primeiro grande evento do gênero, a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana. Entre os festivais de maior importância até o final da década de 80, quando verificou-se o auge do movimento (Jacks, 1998) estavam a Tertúlia Musical Nativista (Santa Maria), Festival da Barranca (São Borja), Coxilha Nativista (Cruz Alta) e o mais universalista deles: Musicanto Sul-Americano de Nativismo (Santa Rosa). Este último criado com uma proposta de não impedir a apresentações de composições de origem urbana, que utilizassem instrumentos eletrônicos (os festivais têm como regra básica um limite a equipamentos não naturais) ou que não fossem brasileiros.

Esta mudança foi, segundo Nilda Jacks (1998), potencializada pelos meios de comunicação, influenciando a partir de então a proliferação em todo o estado de mais de 40 festivais musicais nativistas, programas específicos na mídia e de inúmeros produtos nativistas comercializáveis. A rede publicitária e os meios de comunicação

rendiam-se efetivamente à mensagem do *tradicionalismo-nativismo*¹, alçando-os ao nível de cultura de massa e inaugurando a fase de uma indústria cultural de produtos simbólicos específicos para o público gaúcho.

7.4 O CHIMANGO BATE ASAS

Originado exatamente de um momento de ruptura com o tradicionalismo, “Os Chimangos”, eram até 1977 integrantes da invernada artística do CTG Sentinela dos Cerros de Caçapava do Sul. Ao separar seu caminho e sua orientação artística o grupo definiu-se por uma ação integradora, capaz de inverter a aparente fobia de que a dinâmica inerente à cultura não fosse resistir aos contatos e ao próprio processo de globalização que alimentado pelas teorias da ação alienígena, já àquela época, lançava pesadas profecias sobre o futuro de uma comunidade homogeneizada.

Com o claro objetivo de integrar elementos culturais da América Latina, Os Chimangos, fundado em 23 de outubro de 1977, desde o início de suas atividades contaram com apoio de músicos, pesquisadores e dançarinos envolvidos em buscar uma identificação no folclore do continente. Em uma de suas publicações destinadas a ilustração de festivais internacionais (1986), escrita em três idiomas, o grupo registrou: “exprimindo na dança nossa mensagem de fraternidade latino-americana,

¹ Grifo do ator: o termo foi usado propositalmente a fim de caracterizar a polêmica instaurada entre os teóricos. Alguns artistas reconhecem o nativismo como movimento autônomo, outros, interpretam o nativismo como consequência do tradicionalismo do qual segundo Nilda Jacks (1998) ainda manteria elevada dependência.

não queremos deter nosso vôle na fronteira de nenhum país, de nenhuma cultura ou ideologia. Porque acreditamos no futuro da grande família humana. E sabemos que todas as artes que emanam do povo nunca deixarão de ser universais”.



Figura 1 - Grupo apresenta coreografia com Antônio Chimango (centro)

O nome do grupo provém de uma bem humorada alusão ao clássico personagem “Antônio Chimango”, de Amaro Juvenal (pseudônimo de Ramiro Barcelos) numa ácida sátira dedicada ao autoritário Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros - por coincidência nascido em Caçapava do Sul.



Figura 2 - Chimangos gravam participação no programa Galpão Crioulo

Nos últimos 24 anos, o Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos”, promoveu uma verdadeira cruzada através do estado e pelo mundo inteiro. Foi reconhecido no Rio Grande do Sul como um dos mais influentes e importantes símbolos nativistas na dança e da música. Povoou programas especiais de televisão em todo o Estado, no Brasil e América Latina. Em sua trajetória, foram fiéis representantes do folclore gaúcho nos festivais nativistas honrando sua opção de estudada distância do tradicionalismo formal a ponto de serem mencionados como referência de trabalho consciente por um dos maiores críticos à ideologia tradicionalista. “Entretanto, com o passar do tempo, alguns conseguiram desmaneiarse e, agora, com talento e criatividade, encaminham seriamente a cultura do Rio Grande do Sul. Aqui encontramos alguns exemplos que, por dentro do movimento tradicionalista-nativista, impuseram momentos artísticos que superam o tradicional” (Golin, 1983, p.135, 136).



Figura 3 - Grupo comemora aniversário do Galpão Crioulo no Gigantinho

Talvez não tenha sido por tanta coincidência, que exatamente num dos mais respeitados e abertos festivais nativistas do estado - O Musicanto Sul Americano de Santa Rosa - Os Chimangos tenham estabelecido seu primeiro contato com os representantes da Organização Internacional de Arte Popular - IOV (Internationale Organisation Für Volkskunst) que mantém relações de consulta e colaboração com a UNESCO.

Através do destaque oferecido ao seu trabalho o grupo ampliou sua proposta ao nível das vivências e intercâmbios, quando em 1986, pela primeira vez, representou o Brasil fora do continente. Nos Estados Unidos, foram os primeiros brasileiros a se apresentarem na Disneyworld -Florida. A seguir estiveram no Festival Internacional de Folclore de Utah, ao lado de outros 12 países. Aceitando o

convite do IOV, já em 1987 o grupo percorreu diversos festivais internacionais na Europa, incluindo Bélgica e Alemanha. Retornaram à Europa em 1989 e a cada dois anos no período subsequente em diferentes países. A experiência valeu ao grupo o crédito daquele Comitê para realizar com seu apoio, em 1992 a primeira Festa Mundial do Folclore em Caçapava do Sul, cuja proposta seria a de hospedar em residências de famílias locais os integrantes dos grupos estrangeiros.



Figura 4 - Integrando proposta universalista no Musicanto de Santa Rosa

7.5 HISTÓRICO DO INTERCÂMBIO

O Grupo de Arte Nativa "Os Chimangos" promove desde 1992 a Festa Mundial do Folclore em Caçapava do Sul. Com o objetivo declarado de fomentar a integração dos povos o grupo tem procurado expressar na dança uma vigorosa mensagem de fraternidade. Assim, desde a sua fundação vem provocando a

integração latino-americana através do seu espetáculo de danças folclóricas que, mesmo anteriormente ao projeto da própria festa, já previa a apresentação e pesquisa de peças do folclore latino-americano. Por isso uma apresentação do grupo sempre teria garantida a divulgação estética de uma irmandade latina defendida em suas raízes:

Folclore Gaúcho	<i>Dança das Avestruzes, Tirana do Lenço, Chimarrita, Tatu, Chula, Balaio, Pezinho, Xote de Carreirinha, Dança dos Facões, Maçanico, Tatu Novo, Cana Verde, Roseira, Rancheira de Carreirinha e Pericón</i>
Folclore Paraguaio	<i>Galopera</i>
Folclore Boliviano	<i>Cueca e Carnavalito</i>
Folclore Argentino	<i>Huella, Chacarera, Prado, El Tunante, Bailecito, Tango, Takirari, Malambo, Zamba</i>
Folclore Uruguaio	<i>Firmeza e Gato</i>

Figura 5 – Estrutura do espetáculo do Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos”

Os “Chimangos” acreditam que a integração seria o ponto culminante de soluções para os problemas que atingem de maneira homogênea os povos latino-americanos e vêem, na arte, o ponto de convergência de ânsias e possibilidades inerentes a todos os povos manifestadas pelas semelhanças destas culturas e, pelo sentimento solidário que a arte folclórica transmite. Assim, os espetáculos do grupo expõem sua intencionalidade manifesta de transportar o público para esse sentimento de cooperação, que está acima dos interesses econômicos e políticos.



Figura 6 - Grupo gravou inúmeros videoclipes para os especiais de TV Sul em Canto

O histórico dos Chimangos demonstra as principais características que compõem o que se poderia denominar de identidade gaúcha, oriunda das recorrentes manifestações do campesinato e da teoria tradicionalista. Ainda que tenham sido reconhecidos como efetivos militantes pela abertura nos padrões culturais de convivência entre nações diferentes e de manifestação artísticas mais arrojadas dentro da cena artística tradicionalista, Os Chimangos jamais deixaram de cooperar com as manifestações folclóricas e culturais do estado, o que inclui certamente os CTGs.

Numa interpretação que vislumbre a preocupação com as atividades tradicionais em comparação com a constante mutação do mundo moderno ou do pós-

modernismo, devemos registrar o quanto também é pertinente tal abordagem para a educação. Forquin (1993) já apontava que havia de ser reconhecido existir uma reversão de perspectiva entre a temporalidade do homem e a do mundo. Há um homem tradicional que seria um transeunte em meio a uma paisagem imutável na qual reside a sabedoria. Já a característica da modernidade é a de transformar totalmente a paisagem, que se desfaz diante do homem com extrema rapidez, tornando a memória cultural cada dia mais saturada. Mas, em sua visão, é preciso reagir a esta realidade dada, uma vez que existe também uma extrema incompatibilidade entre o espírito da modernidade e a função educativa enquanto transmissora de tradição e cultura. O paradoxo reside na representação da educação como autoridade e tradição num ambiente onde tais preceitos não são considerados.

A educação estaria assim despida de toda a sua legitimidade em função de uma pedagogia de princípios amnésicos, conforme expressão moldada por Forquin ao descrever uma pedagogia baseada em instrumentalismos e flexibilizações capazes de formar um ser adaptável e preparado para os infortúnios ou eventualidades:

“... se a autonomia da pessoa é um fim em si, incondicionalmente desejável, uma pedagogia que pretendesse apoiar ou favorecer essa autonomia com base numa negação do imperativo da cultura, isto é, pretendendo liberar a criança de toda a submissão a uma ordem humana de saberes, de símbolos e de valores anterior e exterior a ela, só poderia conduzir a conseqüências desastrosas. Temos que reconhecê-lo: a reflexão pedagógica contemporânea não poderia contornar a questão da modernidade nem se resignar a fazer a apologia da amnésia, pois só uma visão extremamente superficial e prematura da modernização do mundo pode nos fazer aderir ao mito do efêmero e rejeitar como um fardo, nosso pertencimento à memória” (Forquin, 1993, p. 20).



Figura 7 – Brasileiros representados na Disneyworld

Os promotores da festa Mundial do Folclore descrevem sua identidade reconhecendo na tradição gaúcha o amor à liberdade projetada na imensidão do Pampa, por sua vez, representada como símbolo universal. “Mas a nossa tradição é também aquela da amizade entre todos os povos do mundo. E, é por isso, que já estreitamos a nossa amizade em Festivais nos Estados Unidos, Bélgica, França, Alemanha, Áustria, Hungria, Uruguai e Argentina”, esclarece a Presidente do Grupo, Rita Helena Albarnaz, ao adiantar o teor da documentação elaborada a fim de apresentar o grupo frente à imprensa, órgãos estrangeiros de promoção cultural e entidades oficiais brasileiras ligadas à cultura e turismo. Mas, foram as Festas realizadas em Caçapava do Sul que mais intensificaram o sentido de integração, como demonstram a seguir os dados com os participantes de cada evento já realizado.

1ª Festa Mundial do Folclore - de 22 de julho a 10 de agosto de 1992.

- Trachstengrupe-Sterzhausen - Alemanha.
- Conjunto de Arte Folclórica Del Plata - Buenos Aires - Argentina.
- Balet Folclórico Argentino "Martim Guemes" - Córdoba - Argentina.
- Westypaams Volkskunstenemble "Die Rooselaer" - Oostrozebeke - Bélgica.
- Grupo de Arte Nativa "Os Chimangos" - Caçapava do Sul – Brasil

2ª Festa Mundial do Folclore - de 22 de julho a 08 de agosto de 1994.

- Participantes: Companhia de Arte Argentino - Buenos Aires - Argentina.
- Volkstanzgrupp Schutzen am Gebirge - Schutzen - Austria.
- Grupo "Danzamerica" - Treinta y Tres Orientales- Uruguai.
- Grupo "Treeteau et Terroir" - Haut Breton de Nantes - França.
- "Skanes Folkdansag" - Harlosa - Suécia.
- Grupo de Arte Nativa "Os Chimangos" – Caçapava do Sul - Brasil

3ª Festa Mundial do Folclore - de 21 e julho a 04 de agosto de 1996

- Companhia de Arte Argentino - Buenos Aires - Argentina.
- Grupo "Gelmelzwaaiers" -Hoogstraten - Bélgica.
- "Shanghai Baoshan Culture Bureau" - Shanghai - China.
- Grupo Folclórico "La Savoie" - Chambéry - França.
- Balet Folclórico Treinta y Tres - Trinta y Tres - Uruguai.
- Grupo de Arte Nativa "Os Chimangos" - Caçapava do Sul – Brasil

4ª Festa Mundial do Folclore - de 18 de julho a 02 de agosto de 1998

- "Stowarzyszenie Kultury Ziemi Raciborskiej" - Racibórz - Polônia.
- "Volkstanzgruppe Schutzezen am Gebirge" - Schutzen am Gebirge - Áustria.
- "Volkstanz - Und Trachtenkreis" - Sterzhausen - Alemanha.
- Balet Folclórico "José Hernandez" - Santa Fé - Argentina.
- Grupo de Arte Nativa "Os Chimangos" - Caçapava do Sul - Brasil

5ª Festa Mundial do Folclore - de 28 a 30 de julho de 2000

- Companhia de Arte Argentino – Buenos Aires – Argentina
- Mariachi Calafia e Ballet Missael – Mexicali e São Luiz / Rio Colorado - México
- Westypaams Volkskunstenemble "Die Rooselaer" - Oostzebeke – Bélgica
- Grupo de Arte Nativa "Os Chimangos" - Caçapava do Sul - Brasil

Até agora, cinco edições da festa já aconteceram sempre com excelente resposta do público, cuja média sempre foi de aproximadamente três mil pessoas. O apoio comunitário fez da Festa Mundial o evento de maior concentração popular realizado na cidade, contando com auxílio das administrações municipais. O formato conferido ao evento permite que os visitantes convivam com os moradores e relacionem-se diretamente com suas famílias. Além disso, oportuniza viagens constantes aos municípios vizinhos, onde são promovidos espetáculos de dança, música e artesanato.



Figura 8 - Grupo chinês apresenta suas danças na 3ª Festa Mundial do Folclore

Da coragem de romper com uma fórmula estabelecida, o grupo de Arte Nativa “Os Chimangos”, conforme indicam documentos extraídos de noticiosos locais e regionais, parecem provar a cada dia a sua descoberta de um ser humano que convive, que se relaciona e que está aberto à troca de influências, sem, contudo, desmerecer um de seus maiores capitais próprios, sua herança cultural e sua crença no futuro.

7.6 ESTRUTURA DA FESTA MUNDIAL DO FOLCLORE

Nosso interesse reside na multiplicidade de recursos educacionais capazes de ser acionados através da proposta do evento. A convivência entre famílias de origens culturais e étnicas de grande contraste, as diferenças entre os sistemas de representação política e administrativa, as variações apresentadas entre conceitos coletivos de urbanização, utilização do espaço, história, alimentação e relacionamento afetivo, nos remetem a indagações quanto a extrapolação de seus objetivos iniciais que caracterizam uma proposta de fundamento estético. Do contato e do processo de aproximação entre desconhecidos tão diferentes, emergem questões e respostas, dúvidas e certezas, são criados ambientes estimulantes e criativos, ao mesmo tempo em que florescem manifestações afetivas que sustentam o alvorecer de uma nova família, cujos traços estabelecidos por relações localizadas impõe-se como uma esperança global.

Nossas considerações devem ser construídas através do reconhecimento do abrangente respaldo popular que o evento tem suscitado ao longo de dez anos de

realização em Caçapava do Sul e região. Esta constatação visa contemplar uma composição que leve em consideração o estudo apresentado por Roberto DaMatta (1983) no qual fica explícita uma zona de intermediação onde se processam as escolhas, impressões e valores que, finalmente determinarão o curso das ações, após recebido um estímulo. Para ele as festas são encaradas como ritualizações onde as características sociais são celebradas, tanto para inverter o aspecto contingente das pressões da sociedade quanto para simplesmente reafirmá-lo como identidade. Assim, elabora-se um tempo e um espaço muitas vezes previsto e esperado, mas profundamente sacralizado com significados e símbolos muito especiais que acabam criando uma verdadeira zona de intermediação entre a realidade e a possibilidade de abertura para outros mundos, além do controlado cotidiano dedicado invariavelmente ao trânsito do trabalho.

É preciso, entretanto, compreender que a sociedade ocidental, industrializada e complexa assume práticas parecidas, assim como outras sociedades que se reúnem por características que denominamos pertencentes à natureza humana. Roberto da Matta filtra estas atividades em seus aspectos de lembrança do que teria sido gratificante ou maravilhoso e tudo aquilo que passa para o conjunto da memória como sofrido ou doloroso:

“(...) E a memória social (isso que vulgarmente se chama de ‘tradição’ ou ‘cultura’), que é sempre feita de uma história com H maiúsculo, é também marcada por meio desses momentos que permitem alternância certa entre o que foi concebido e vivido como rotineiro e habitual e tudo aquilo que vivenciado como crise ou acidente, festa ou milagre. Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recriação e pela ‘saudade’ e se ‘desconstrói’ pelo

esquecimento e pelo modo ativo com que consegue deixar de lembrar” (1986, p.:68).

Desta forma, ampliamos nossa possibilidade de reunir indícios de uma identidade influenciada pela festa, não mais apenas colando informações sistemáticas, históricas, cronológicas advindas de um passado oficial.

Antes disso abrimos uma janela para que o presente se mostre, através desta zona intermediária, através de seus verdadeiros protagonistas, ainda que não se trate exclusivamente de suprimir a história ou seus fatos, “*mas de relativizar o que uma sociedade pode acreditar ser o seu motor ou força dominante, abrangente*” (Da Matta, 1983, 17).

Sob este ponto de vista, a Festa Mundial passa a ser esta zona de intermediação, de troca e de encontro. O palco do ginásio municipal, as residências das famílias locais, o espaço da rua e da convivência passam a constituir os espaços análogos ocupados pelas procissões, carnavais e assumem esta potencialidade de transformar o tempo, ou suspendê-lo, como defende o autor, constituindo uma nova rotina que tem um período determinado e um sentido o qual nos cabe explicitar.

Nossa proposta visa identificar os elementos de interação utilizados entre o ser humano e a sociedade apontando os caminhos de uma dimensão educativa capaz de estar presente em inúmeros fenômenos ou eventos socioculturais; pretendemos estabelecer os níveis e a intensidade da influência exercida através da troca cultural entre delegações de diferentes países; buscamos entender os reflexos dos discursos folclóricos e seus determinantes na formação do imaginário popular caçapavano, até

para compreender melhor a aceitação e permanência do evento por cinco edições, sendo atualmente considerado uma das características da cultura local.

Com tais objetivos, é válido, já antes da descrição da pesquisa e do ambiente de investigação, expor um modelo utilizado pelo grupo “Os Chimangos” como padrão de organização para o evento, a fim de que se identifique *a priori* as possibilidades de encontro entre participantes tão diferentes oferecidas nessa agenda cultural da Festa Mundial do Folclore. Esse intento não elimina as possibilidades de, numa fase posterior, evidenciá-los novamente caso assim o exijam os dados extraídos das entrevistas. Passamos à descrição do programa da última Festa Mundial, aqui apenas exemplificando uma relação de acontecimentos dos eventos anteriores.